

Ministro argentino chega amanhã

Rosental Calmon Alves

Correspondente

Buenos Aires — O secretário da Fazenda da Argentina, Mario Brodersohn, anunciou que viajará amanhã a Brasília, para uma reunião com o Ministro Dilson Funaro sobre a questão da dívida externa. Até agora, no entanto, o governo Alfonsín evitou uma manifestação explícita de apoio à atitude brasileira de suspender o pagamento dos juros, e tampouco admitiu as possibilidades de uma ação conjunta frente aos credores. Os dois países parecem interessados em deixar claro apenas que estão agindo coordenadamente, deixando a critério das demais partes envolvidas na crise a interpretação sobre o que significa essa coordenação.

Embora façam parte do chamado "Grupo (ou consenso) de Cartagena", que reúne os 11 maiores devedores da América Latina, o Brasil e a Argentina preferem conversar no âmbito bilateral, aproveitando o excelente clima de confiança e amizade selado pelos presidentes Sarney e Alfonsín. Uma das poucas resoluções de Cartagena indicia que os países do grupo deveriam avisar, antes, aos demais sobre atitudes importantes que adotassem em matéria de dívida, mas, no caso atual, só se têm notícias de contatos desse tipo entre Brasília e Buenos Aires, incluindo um telefonema de Alfonsín a Sarney.

Até agora, porém, não houve nenhuma declaração argentina apoiando abertamente a posição brasileira. Por enquanto, o secretário Brodersohn, encarregado das negociações argentinas com os credores, deu respostas evasivas a todas as perguntas dos jornalistas sobre solidariedade ou ação conjunta com o Brasil. Mais que tudo,

ficou claro que a Argentina quer puxar a brasa para sua sardinha na atual situação, já que o endurecimento da posição brasileira coincide com o momento em que a renegociação argentina chega num ponto culminante e os bancos comerciais americanos enviam sinais de que não aceitarão a proposta de Buenos Aires.

Anunciar que também suspenderá o pagamento dos juros, se os bancos não aceitarem suas condições, não significa exatamente uma forma de solidariedade ao amigo apertado, embora a viagem de Brodersohn a Brasília possa ser interpretada como um apoio e uma tentativa de algum tipo de ação conjunta. De concreto, até sábado, o que a Argentina fez foi anunciar que se os bancos não liberarem os 2,15 bilhões de dólares e não reduzirem os **spreads** a níveis similares aos do México, não poderá pagar os juros, como aliás não vem fazendo há anos. Em 1986, por exemplo, a Argentina pagou apenas a metade dos juros cobrados.

A crise brasileira explodiu, portanto, num momento crucial para a Argentina. Na semana passada, o FMI aprovou um generoso crédito **stand by** que assegura a entrada de mais de dois bilhões de dólares em dois anos, mas o condicionou à aprovação, pelos bancos comerciais, de um pacote de renegociação. A proposta argentina foi encaminhada aos bancos, que deixaram para dar sua palavra final na quarta-feira próxima. Mas já adiantaram que não aceitam, por exemplo, reduzir os **spreads** de 1.3/8 para nenhum nível abaixo de 1.1/8. Brodersohn advertiu, sexta-feira, que isso seria "um disparate" dos bancos e que a Argentina teria que responder com o que ele mesmo considera como outro "disparate": suspender o pagamento dos juros.